



Autorretrato, 1942, óleo sobre compensado de papelão, 24 x 19 cm – coleção particular

Rebolo

Sergio Rebollo

Francisco Rebolo Gonsales nasceu no dia 22 de agosto de 1902, em São Paulo, sendo o quinto filho de uma família de espanhóis que chegou ao Brasil em 1899. Viveu com grande intensidade duas trajetórias. Primeiro como jogador de futebol entre 1917 e 1932, atuando por São Bento,

Corinthians e Ypiranga como ponta-direita. Em 1933 voltou-se para o desenho e a pintura, o que viria a ser sua atividade por toda a vida.

Característica marcante de Rebolo, que se manifestou continuamente ao longo de sua trajetória como artista

plástico, foi sua capacidade de organizador da categoria. Logo no início da carreira, em meados da década de 1930, alugou duas salas no imponente Edifício Santa Helena — prédio que dividia as praças Clóvis e da Sé, no centro de São Paulo, demolido na década de 1970 para construção do Metrô. Ali montou seu ateliê de pintura de cavalete, utilizando o espaço também para atender, como microempresário, sua clientela de pintura ornamental de residências.

Curiosa é a maneira como Rebolo teve seu primeiro contato com as tintas. Aos nove anos de idade o pequeno Francisco testemunhou uma dura discussão entre seus pais em razão da falta de dinheiro. Após refletir sobre a situação, decidiu que tinha de arrumar um trabalho. Saiu na rua, viu uma carroça com tijolos e presumiu: "para onde esta carroça vai há trabalho". Seguiu o veículo e, ao chegar a uma obra, foi conversar com o chefe da construção. Aquele franzino menino não tinha força física para ser pedreiro, por isso foi alocado como ajudante de pintor para acabamentos. Começava a nascer ali o gosto pelas tintas.

Rebolo foi o fundador do célebre Grupo Santa Helena, ao agregar, no mesmo endereço, grandes nomes das ar-

tes brasileiras, como Clóvis Graciano, Aldo Bonadei, Alfredo Volpi, Fulvio Penacchi, Zanini, Rizzotti, entre outros.

Pouco tempo depois, Rebolo ajudou a organizar salões de arte, foi um dos fundadores do Sindicato dos Artistas e Músicos e um dos criadores do Clube dos Artistas e



Paisagem com cavalos, 1977, óleo sobre tela, 55 x 70 cm – coleção particular



Lenhadores, 1950, óleo sobre tela, 61 x 50 cm – coleção particular



Paisagem (Rio Guaíba, Porto Alegre), 1977, óleo sobre tela, 70 x 55 cm – coleção particular

Amigos da Arte, o Clubinho, que se tornou uma lenda no panorama cultural nacional nos anos de 1950 e 1960.

Anos mais tarde, fez parte do grupo que criou o Museu de Arte Moderna, MAM-SP, e a Bienal de São Paulo, onde expôs e foi membro do júri.

Entre os muitos prêmios que recebeu, um dos que mais influenciaram sua carreira foi o Prêmio de Viagem ao Exterior — Do III Salão de Arte Moderna, em 1954, que lhe possibilitou viver com a família durante dois anos na Europa. Neste período, desenvolveu nova fase em sua obra pictórica, retratando paisagens de vários países europeus.

Em sua volta ao Brasil, iniciou uma fase marcada pela maturidade, de alta produtividade e muitas experimentações. Em sua última década de vida, nos anos de 1970, cruzou o Brasil pintando e expondo sua obra, que retomou a característica do lirismo e a alta sensibilidade, marcantes no início da carreira.

Durante toda a sua trajetória artística Rebolo foi considerado por grandes críticos, como Sérgio Millet e Mário de Andrade, um dos mais importantes paisagistas da pintura nacional. Apesar da consagração como “mestre das paisagens”, sua produção contempla naturezas mortas, flores, retratos e figuras em um total de mais de 3.000 obras entre óleos, desenhos e gravuras.

Estas obras estão distribuídas em coleções particulares e nos principais museus brasileiros, entre eles a Pinacoteca da Associação Paulista de Medicina, que conta com importante paisagem produzida na década de 1940.

Sergio Rebolo

Publicitário e administrador, é neto do artista, diretor de marketing da AAMAC – Associação de Amigos do Museu de Arte Contemporânea da USP e Vice-presidente do INSTITUTO REBOLO



Arvoredo, 1975, óleo sobre tela, 57 x 73 cm – coleção particular

A tuberculose e a abreugrafia

Jenner Cruz

Recentemente, o Conselho Federal da Medicina orientou, aos médicos brasileiros, a respeito da necessidade de sempre solicitar sorologia para hepatites B e C, sífilis e HIV a todos os pacientes, objetivando diagnosticar essas infecções em tempo oportuno. Esqueceram a tuberculose.

A tuberculose, doença transmitida pelo *Mycobacterium tuberculosis* ou bacilo de Koch, é a doença infectocontagiosa que continua ocasionando mais mortes no Brasil e no mundo.

Quando comecei meu curso médico, a tuberculose era tão comum e tão polimorfa que era sempre mencionada e pesquisada em qualquer doença mal compreendida, mesmo quando todos os sinais e sintomas parecessem contrários.

Naquele tempo, a evolução da tuberculose era dividida em quatro grupos: primária, secundária, terciária e quaternária.

A forma primária, ou primeira infecção, ocorria num paciente virgem do mal. Ela era localizada principalmente nos pulmões ou no intestino, ora através de gotículas eliminadas pela respiração, espirros ou tosse, de pessoas infectadas por leite não pasteurizado de animais doentes. Soubemos de um caso onde essa infecção foi no dedo de um açougueiro cortando carne contaminada. Como em toda primoinfecção, provocou uma ferida, que não sarava, e linfáticos, que, neste caso, iam da ferida ao cotovelo, provocando o aparecimento de gânglios satélites.

No pulmão ocorre o mesmo, uma pneumonia segmentar, linfáticos satélites e acometimento de gânglios no medias-

tino. Se o paciente é portador de grande defesa imunológica, geralmente herdada, a primoinfecção pode evoluir para cura, mas, em geral, antes dessa cura alguns bacilos podem ter atingido, através do sangue circulante, qualquer órgão do paciente. Nessa cura, o bacilo não é destruído, sendo encapsulado e calcificado. Quando há uma queda da defesa do indivíduo, como ocorre na adolescência, no crescimento e em noites maldormidas, o bacilo é libertado, voltado a infectar. Se isso acontecer no local da primeira infecção, produz uma tuberculose denominada secundária, se ocorrer num foco distante, acarretaria uma tuberculose terciária. Quando esse órgão distante é o sistema nervoso central, denomina-se tuberculose quaternária.

No Brasil surgiu um grande médico, Manuel Dias de Abreu, graduado em 1913, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que criou, em 1936, um método rápido e barato de tirar pequenas chapas radiográficas dos pulmões, o órgão mais afetado, para diagnosticar a doença no início, quando desconhecida. Esse método foi apresentado no I Congresso Nacional de Tuberculose, no Rio de Janeiro, em 1939, onde foi batizado de abreugrafia e ganhou o mundo. Em 1950, Manuel de Abreu foi indicado ao prêmio Nobel de Medicina e, em 1958, o prefeito de São Paulo, Adhemar Pereira de Barros, instituiu o dia da Abreugrafia, em 4 de janeiro, dia do nascimento de Manuel de Abreu.

A partir dessa época a medicina começou a desenvolver remédios cada vez mais potentes e eficazes e a doença passou a ser controlada.

Um de meus primeiros empregos foi ser médico da fábrica de automóveis Vemag. Os candidatos à fábrica pre-

Disponível em: <<http://www.fundacaofoafdacunha.com.br/foaf/fernandesdacunha/noticias.asp?id=215>>.



Aparelho de abreugrafia

cisavam trazer, entre outros documentos, uma abreugrafia. O diagnóstico vinha em um código, que tínhamos, mas a chapa radiográfica era muito útil, pois mostrava também o coração, os grandes vasos e outras estruturas.

Quando me tornei médico da Superintendência de Águas e Esgoto da Capital e, após, Médico-Chefe, cargos obtidos por concurso público, como fora o da Vemag, fomos agraciados com a compra de um aparelho de

raios X, a contratação de uma técnica e a possibilidade de realização de abreugrafia, o que muito nos ajudou na prevenção de moléstias cardiopulmonares de nossos funcionários.

Eu tive uma tia que faleceu de tuberculose quando tinha 5 anos de idade. Como minha mãe, sua grande amiga e companheira, não ficou doente, deve ter influído para que em mim a tuberculose fosse apenas terciária, nos olhos. Tive uma série de uveítes dos 5 aos 41 anos de idade. Perdi a visão do olho direito com 20 anos e grande parte do campo visual do olho esquerdo até a cura completa. Conteí esse fato porque sarei com um remédio novo, nessa época, a cicloserina. Esse medicamento não é mais vendido no Brasil há anos, apesar de continuar a ser vendido nos Estados Unidos, como remédio terciário, indicado nos casos onde tratamentos anteriores fracassaram. Esse medicamento pode ocasionar muitos efeitos colaterais, principalmente no sistema nervoso central. O único efeito colateral que tive foi a cura completa e definitiva das uveítes tuberculosas, porém outros pacientes tiveram problemas mais sérios. A cicloserina destrói a *Mycobacterium tuberculosis* e outras bactérias *in vitro* e *in vivo*.

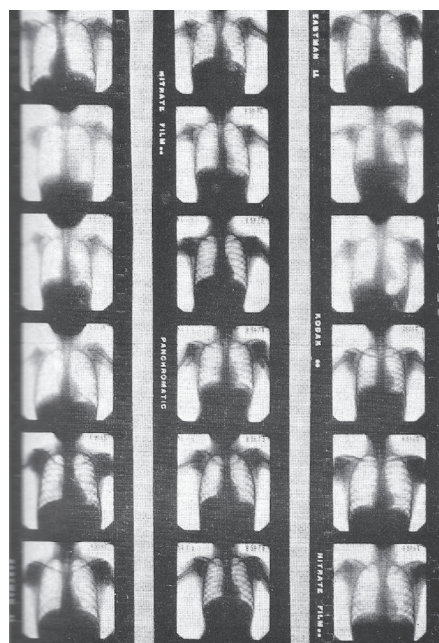
Há mais de vinte anos comecei a ter extrassístoles frequentes. Um cardiologista do INCOR, especializado em arritmias, após cerca de um ano, na terceira tentativa,

descobriu que, com o uso de propafenona, minha arritmia desaparecia. Nessa época, o Serviço Médico dos funcionários do Hospital das Clínicas resolveu fazer, de rotina, raios X de tórax dos médicos. Descobriram que eu tinha um bócio mergulhante, multinodular tóxico, responsável pelas extrassístoles, que cederam com tireoidectomia parcial sem ocasionar hipotireoidismo.

Contei esses fatos porque não se faz mais a abreugrafia como triagem. Alguns sábios resolveram proibir a abreugrafia no Brasil e em outros países por causa dos **perigos de se expor pessoas saudáveis à radiação sem necessidade**. Como sem necessidade? Eu já fiz muito tratamento de canais dentários, em cada vez tirei várias radiografias para que o dentista tivesse certeza do que estava fazendo. Radiação sem necessidade?

Finalmente a incidência de tuberculose está aumentando de novo no mundo e no Brasil. AIDS? **Descaso do serviço público. Abandono da abreugrafia?**

Se eu fosse alguma autoridade sanitária no Brasil voltaria a decretar a obrigatoriedade da abreugrafia anual a todos brasileiros.



Abreugrafia em série (filme 35mm)

Disponível em: <<http://www.fundacaofoafdacunha.com.br/foaf/fernandesdacunha/noticias.asp?id=215>>.

Jenner Cruz

Membro Emérito da Academia de Medicina de São Paulo

Humor

CUIDADO QUANDO VOCÊS FOREM A PORTUGAL

Um grupo de brasileiros, após uma volta pela Europa, alugou um carro na Alemanha. Quando eles chegaram à fronteira de Portugal, o fiscal português deu uma volta ao redor do carro e disse aos brasileiros: — Vocês não podem passar. — Mas por quê? Perguntou o motorista brasileiro. — É porque vocês são cinco num Audi A4. — E daí? Disse o brasileiro. Isso não tem nada a ver. Quatro é o tipo do carro, mas se o senhor olhar os documentos vai ver que é um carro de cinco lugares. — Isso não me interessa, disse o fiscal português. O meu comandante falou que num Audi A4 só pode ter quatro passageiros. — Mas isso é um absurdo! Indignou-se o brasileiro. Vá chamar o seu comandante, eu quero falar com ele. Tenho certeza de que vamos nos entender. — Agora não é possível, ele está muito ocupado. — Ocupado com o quê? — Com os dois caras do Fiat Uno.

MAMÃE

Sarah, a jovem esposa, desesperada, vai ao psicanalista. — Ah, doutor, eu não aguento mais... Apesar de todos os meus esforços, meu marido não me dá a menor bola. Desde que nos casamos, ele só fala na mãe, na mãe, na mãe. É como se eu não existisse. — Já experimentou preparar um jantar especial? — Já. E não adiantou, disse que a comida da mãe dele era melhor que a minha! — Ouça, tenho uma ideia. Se há um domínio onde sua sogra não pode rivalizar, é na cama. Esta noite, vista um *baby doll* preto e calcinha preta. A cor preta é muito sexy e muito excitante. Incluindo uma cinta-liga negra também... Ele não vai resistir! Sarah seguiu à risca o plano, sem esquecer nenhum detalhe. De fato, nunca estivera tão sexy... Chega o Jacó em casa, arregala os olhos e diz: — Sarrrahhhhh, você está toda de preto... Aconteceu alguma coisa com a mamãe?

SEMPRE ELE

O professor está almoçando no restaurante de uma Universidade. Chega o Joãozinho com sua bandeja e se senta ao seu lado. O professor diz: — Um porco e um pássaro não se sentam juntos para comer. Joãozinho responde: — Pois então eu saio voando. E troca de mesa. O professor, "roxo" de raiva, decide vingar-se na próxima prova, mas Joãozinho responde todas as perguntas brilhantemente. Então o professor lhe faz a seguinte pergunta: — Você está caminhando pela rua e encontra uma bolsa, dentro está a sabedoria e muito dinheiro, qual dos dois você pega? E Joãozinho res-

ponde sem titubear: — O dinheiro. O professor lhe diz: — Eu, em seu lugar, teria agarrado a sabedoria, o que acha? — Cada um pega o que não tem. Responde Joãozinho. O professor, já histérico, escreve na folha da prova: "Idiota". E a devolve ao Joãozinho que pega a folha e se senta. Depois de alguns minutos se dirige ao professor e diz: — O senhor assinou minha prova, mas não me deu a nota.

AS VISITAS DOS PAPAS

Quando o Papa João Paulo II veio ao Brasil pela primeira vez, em 1980, nós estávamos em um governo de transição da ditadura militar para essa "democracia". O presidente, na época, era o carrancudo general João Batista Figueiredo. Dizem que o Papa perguntou a ele o motivo de ter tantos ministros, e obteve como resposta: — Santidade, Jesus não tinha 12 apóstolos? Pois então, eu tenho 12 ministros. (Alguns afirmam que o fato é verídico). Agora, quando o Papa Francisco veio ao Brasil e perguntou à Dilma para quê 39 ministros, ela certamente respondeu: — Veja bem, companheiro Santidade... O Ali Babá tinha 40 ladrões e eu estou quase lá!

A VELHINHA

Estava fazendo compras no Extra Supermercados, uma velhinha me seguia pelas gôndolas, sempre sorrindo. Eu parava para pegar algum produto, ela parava e sorria: uma graça a velhinha! Já na fila do caixa, ela estava na minha frente com seu carrinho abarrotado, sorrindo: — Espero não tê-lo incomodado, mas você se parece muito com meu falecido filho... Com um nó na garganta, respondi que tudo estava bem. — Posso lhe pedir algo incomum? Disse-me a senhora idosa. — Sim. Se eu puder lhe ajudar... — Você pode se despedir de mim dizendo: "Adeus, mamãe, nos vemos depois"? Assim dizia meu filho querido... ficarei muito feliz! — Claro, senhora, não há nenhum problema, disse eu para alegria da velhinha. A velhinha passou a caixa registradora, se voltou sorrindo e, agitando sua mão, disse: — ADEUS filho... Cheio de amor e ternura, lhe respondi efusivamente: — ADEUS mamãe, nos vemos depois? — Sim... nos vemos depois querido! Contento e satisfeito com o pouco de alegria dado à velhinha, passei minhas compras... — R\$ 554,00, diz a moça do caixa. — Tá louca? Dois sabonetes e duas pilhas? — Mas as compras da sua mãe... ela disse que você pagaria!

José Carlos Barbuio
Advogado e Escritor

As luvas e a cirurgia

Braz Martorelli Filho

Os processos infecciosos eram tratados empiricamente com emplastos, banhos, compressas, chás, simpatias, benzimentos etc. por desconhecimento dos agentes causais, sua prevenção e por não haver medicação adequada.

A primeira prevenção lógica, embora empírica, por não conhecer a causa, foi introduzida por Ignatz Phillipe Semmelweis (1812-1865) em uma maternidade de Viena. Ele notou que nos partos assistidos por médicos a taxa de morbiletalidade era muito alta, cerca de 20% dos casos. Quando o atendimento era feito por parteiras tal taxa era muito inferior. Detalhe: as parteiras lavavam as mãos antes dos interventos.

Ele introduziu e insistiu no processo de escovar as mãos com água e sabão e depois enxaguá-las com água clorada.

A taxa de natimortalidade caiu para cerca de 1,0%.

Semmelweis é considerado o pioneiro em assepsia obstétrica.

Com os trabalhos de Louis Pasteur (1822-1895) e o descobrimento dos germes patógenos, além da lavagem das mãos, era preconizada a "esterilização" do instrumental cirúrgico pela imersão em água fervente.

O Barão inglês, Joseph Lister (1827-1912) criou o sistema de vaporização de solução fenólica nas mãos e campos cirúrgicos durante as operações, visando eliminar, ou, pelo menos, diminuir a incidência de infecções relacionadas com a cirurgia.

A ação cáustica do fenol, porém, causava lesões, às vezes graves, nas mãos dos cirurgiões.

O americano William Stewart Halsted (1852-1922), entre outros procedimentos, criou a cirurgia radical para o tratamento do câncer de mama e o internato hospitalar na cidade de Baltimore e introduziu o uso de luvas de borracha durante as cirurgias.

Durante as longas e meticulosas operações, em consequência da ação cáustica da vaporização fenólica, sua assistente apresentava lesões cutâneas nas mãos. Hals-

ted solicitou a Charles Goodyear (dos pneumáticos) a confecção de luvas de borracha para proteção das mãos de sua assistente.

O resto é história.

Hoje as luvas de látex são imprescindíveis em inúmeros procedimentos médicos, e o binômio luva-bisturi é indissociável.

Os cuidados médicos pré-, intra-, e pós-operatórios transformaram as cirurgias em intervenções seguras, confiáveis, tranquilas, com patamar de infecções praticamente nulo.

Porém, sempre há um porém, as infecções são traiçoeiras e imprevisíveis.

As infecções hospitalares são graves, de difícil controle, podendo levar a êxito letal, mormente quando causadas por patógenos já resistentes a tratamentos anteriores.

Antimicrobianos (sulfa — 1935) e antibióticos (penicilina — 1945) são excelentes e poderosas armas na guerra, infelizmente nem sempre vitoriosas contra as infecções.

Muitas drogas estão sendo pesquisadas, e outras o serão, na busca de substâncias que vençam as infecções.

Os agentes causais são inúmeros. Surgirão outros, novos mutantes e outros resistentes.

As infecções aí estão, e, ao que parece, vieram para ficar... até o final dos tempos.



coluna do livro

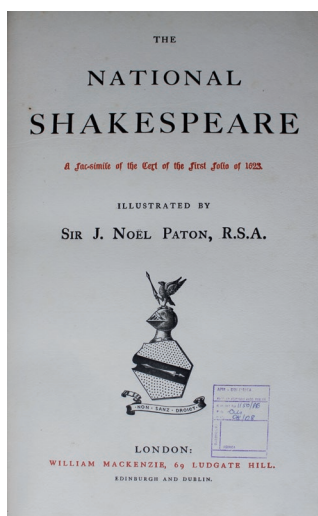
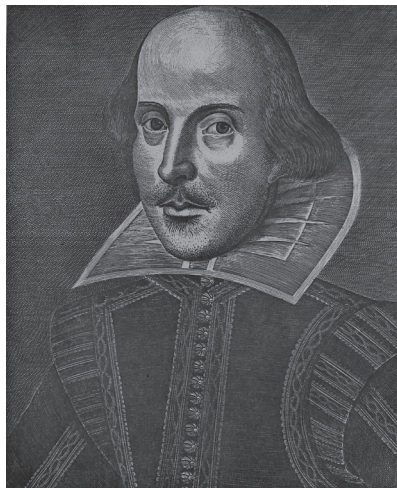
The National Shakespeare

Em todo o mundo registram-se comemorações pelos 400 anos da morte de William Shakespeare (1564-1616), completados em 23 de abril passado.

Nessa ordem de ideias, a APM presta tributo ao bardo mostrando um raro *fac-simile* contendo as suas obras completas, reunidas em 1623.

São três volumes (comédias, tragédias e histórias) ricamente ilustrados. Cada tomo tem cerca de 400 páginas, *in folio*, com capa de couro ornada com medalhão brasonado.

A obra foi realizada por William Mackenzie, em Londres, *circa* de 1900. Encontra-se em bom estado de conservação, veio à APM com a coleção do Professor Edmundo Vasconcelos.



Guido Arturo Palomba

Diretor Cultural da APM

Observação: todos os livros comentados aqui pertencem à Biblioteca da APM. Aos que desejarem doar livros para esta coluna, fazer contato com Isabel, Biblioteca.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba

Diretor Adjunto: José Luiz Gomes do Amaral

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba, Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

Cinematca: Wimer Bottura Júnior

Pinacoteca: Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina:

Jorge Michalany (curador, *in memoriam*)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.